

A CULTURA DO CORPO E PADRÕES ESTÉTICOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL E NA ADESÃO AO EXERCÍCIO FÍSICO.

Júlia Zoccolaro Durigan¹
Helôisa Helou Doca²
Daniel Pereira Coqueiro³
Francine Pereira de Carvalho⁴
Henrique Lacerda Nieddermeyer⁵

Resumo:

A cultura do corpo na sociedade contemporânea evidencia a centralidade dos padrões estéticos na construção da imagem corporal, especialmente diante da crescente influência das redes sociais digitais. Nesse contexto, emerge a seguinte problemática: de que maneira as redes sociais influenciam a construção da imagem corporal e impactam a adesão ao exercício físico? O objetivo geral deste estudo é analisar como os padrões estéticos, mediados pelas redes sociais, interferem na percepção corporal dos indivíduos e em suas motivações para a prática de atividades físicas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e exploratória, realizada por meio de revisão bibliográfica de autores nacionais e internacionais que discutem corpo, imagem corporal, redes sociais e práticas corporais. Os resultados indicam que as redes sociais intensificam a disseminação de padrões estéticos homogêneos e, muitas vezes, inalcançáveis, contribuindo para a insatisfação corporal e para a adoção de comportamentos orientados pela busca do corpo ideal. Observa-se que a adesão ao exercício físico, quando pautada exclusivamente por objetivos estéticos, tende a ser instável e suscetível ao abandono. Conclui-se que é fundamental promover uma abordagem crítica no campo da Educação Física, que valorize a diversidade corporal e priorize a saúde e o bem-estar, contribuindo para a construção de práticas mais conscientes e inclusivas.

Palavras-chave: Imagem corporal. Padrões estéticos. Redes sociais.

¹ Professora Doutora, coordenadora do curso de Educação Física da Universidade de Marília-Unimar, e-mail: juliadurigan@unimar.br

² Professora Doutora, docente do curso Educação Física da Universidade de Marília-Unimar, e-mail: heloisahelou@unimar.br

³ Professor Doutor, docente do curso de Educação Física da Universidade de Marília-Unimar, e-mail: danielcoqueiro@unimar.br

⁴ Professora Mestre, docente do curso de Educação Física da Universidade de Marília-Unimar, e-mail: francinecarvalho@unimar.br

⁵ Professor Doutor, docente do curso de Educação Física da Universidade de Marília-Unimar, e-mail: henriquelacerda@unimar.br

Introdução

Inserido em uma lógica cultural orientada pela visibilidade, pelo consumo e pela performance, o corpo passa a ocupar posição central na constituição das identidades e nas dinâmicas de interação social. Nesse cenário, os padrões estéticos ganham destaque como referenciais normativos que orientam comportamentos, influenciam percepções e estabelecem critérios de aceitação social. A valorização da aparência física, associada à ideia de saúde, sucesso e disciplina, contribui para a consolidação de um ideal corporal que, muitas vezes, se mostra restrito e excludente.

Com o avanço das tecnologias digitais, especialmente das redes sociais, esse processo se intensifica significativamente. Plataformas digitais ampliam a circulação de imagens e discursos sobre o corpo, promovendo a exposição constante de padrões estéticos que tendem à homogeneização. A lógica da visibilidade, característica desses ambientes, estimula a comparação social e a busca por reconhecimento por meio da aparência, reforçando a centralidade do corpo como elemento de validação social.

Diante dessa realidade, emerge a seguinte problemática: de que maneira as redes sociais influenciam a construção da imagem corporal e impactam a adesão ao exercício físico na sociedade contemporânea? Essa questão torna-se relevante na medida em que os padrões estéticos disseminados nesses ambientes podem tanto estimular a prática de atividades físicas quanto gerar insatisfação corporal, frustração e abandono.

O objetivo geral deste estudo é analisar a influência das redes sociais na construção da imagem corporal e na adesão ao exercício físico, considerando o papel dos padrões estéticos na sociedade contemporânea. Busca-se, portanto, compreender como esses elementos se articulam na produção de sentidos sobre o corpo, bem como seus impactos nas práticas corporais e nas motivações dos sujeitos.

A justificativa para a realização desta pesquisa reside na relevância social e acadêmica do tema, especialmente no campo da Educação Física, que atua diretamente com práticas corporais e com a formação de percepções sobre o corpo e a saúde. Em um contexto marcado pela intensificação das pressões estéticas e pela disseminação de padrões corporais idealizados, torna-se

imprescindível desenvolver análises críticas que contribuam para a promoção de uma relação mais equilibrada e consciente com o corpo.

Do ponto de vista metodológico, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e exploratória, realizada por meio de revisão bibliográfica. Foram selecionadas obras e artigos científicos que abordam temas como cultura do corpo, imagem corporal, padrões estéticos, redes sociais e práticas corporais, priorizando autores contemporâneos e produções relevantes no contexto nacional.

Nesse preâmbulo, espera-se que este estudo contribua para o avanço das discussões sobre a cultura do corpo e os padrões estéticos na sociedade contemporânea, evidenciando o papel das redes sociais na construção da imagem corporal e na adesão ao exercício físico. Ao problematizar essas questões, o artigo busca fomentar reflexões críticas que possam orientar práticas profissionais mais conscientes, éticas e comprometidas com a valorização da diversidade corporal e com a promoção da saúde integral. Dessa forma, reafirma-se a importância de compreender o corpo para além de sua dimensão estética, reconhecendo-o como um fenômeno complexo, atravessado por múltiplas determinações sociais, culturais e históricas.

1. Construção social do corpo ao longo do tempo

A compreensão do corpo humano ultrapassa sua dimensão biológica, sendo atravessada por determinantes históricos, culturais e sociais que lhe atribuem significados diversos ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o corpo deve ser entendido como uma construção social, produzida e reinterpretada conforme os contextos em que os sujeitos estão inseridos. Como afirmam Silva et al., (2016, p. 45), “o corpo é entendido como uma construção social [...] produzindo sentidos e significados localizados socialmente”, o que evidencia que sua interpretação não é universal, mas condicionada pelas dinâmicas socioculturais. Dessa forma, o corpo constitui-se como um espaço simbólico onde se expressam valores, normas e relações de poder.

Historicamente, diferentes sociedades atribuíram sentidos distintos ao corpo, revelando seu caráter mutável e historicamente situado. Na Antiguidade clássica, por exemplo, predominava a valorização da harmonia, da estética e do

equilíbrio corporal, enquanto na Idade Média o corpo foi frequentemente associado ao pecado, sendo alvo de controle moral e espiritual. Nesse processo de transformação, o corpo foi continuamente ressignificado conforme as mudanças culturais e filosóficas. Nesse sentido, Lopes (2021, p. 12) destaca que “a concepção de corpo foi sendo reinterpretada ao longo do tempo, incorporando influências filosóficas e culturais diversas”.

Com o advento da modernidade, o corpo passou a ser compreendido como objeto de conhecimento científico e de intervenção social, intensificando-se os mecanismos de controle e normatização. A racionalidade moderna promoveu uma visão mais técnica e funcional do corpo, associando-o à produtividade e ao desempenho. Nesse contexto, as instituições sociais passaram a exercer maior influência sobre as práticas corporais, disciplinando comportamentos e estabelecendo padrões considerados adequados. De acordo com Grando (2014, p. 78), “o corpo é evidenciado como produto de fabricação social mediado pela cultura”.

No campo sociológico, especialmente a partir das contribuições de Pierre Bourdieu, o corpo passa a ser compreendido como expressão do habitus, isto é, das disposições incorporadas pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias sociais. O corpo, nesse sentido, não apenas reflete a sociedade, mas também reproduz suas estruturas e desigualdades. Conforme aponta Medeiros (2010, p. 33), o corpo pode ser entendido como “manifestação do habitus” e também como “investimento de poder e dominação”.

No contexto brasileiro contemporâneo, a construção social do corpo está fortemente associada à valorização da aparência física e à disseminação de padrões estéticos vinculados à ideia de “boa forma”. Essa valorização reflete não apenas questões culturais, mas também dinâmicas de consumo e influência midiática. Goldenberg afirma que há uma crescente centralidade do corpo na sociedade brasileira, marcada por uma moralidade estética que valoriza a aparência como elemento de reconhecimento social, destacando que “o corpo se tornou um importante capital na cultura brasileira contemporânea” (Goldenberg, 2007, p. 21). Dessa forma, o corpo passa a ser entendido como um recurso simbólico que pode gerar inclusão ou exclusão social.

Compete destacar que, a Educação Física desempenha um papel relevante na construção e na ressignificação do corpo, atuando como mediadora entre práticas culturais, saúde e formação de subjetividades. Ao mesmo tempo em que pode reproduzir padrões hegemônicos, também possui potencial para promover uma visão crítica sobre o corpo e suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, Daolio (2022) destaca que os conceitos de corpo e de saúde são apreensões subjetivas da relação dos sujeitos com seu ambiente sociocultural, indicando que a compreensão do corpo é construída a partir das experiências sociais e educativas dos indivíduos.

Nesse preâmbulo, compreender o corpo como construção social implica reconhecer que ele é resultado de processos históricos, culturais e políticos que moldam sua percepção e utilização na sociedade. Essa abordagem permite problematizar os padrões estéticos vigentes e compreender suas implicações na vida dos indivíduos. Como destaca Daolio (2022, p. 230), “o corpo deve ser entendido como uma construção cultural, fruto das relações sociais estabelecidas historicamente”. Dessa forma, o estudo da construção social do corpo ao longo do tempo possibilita compreender não apenas as transformações nas práticas corporais, mas também as mudanças nas formas de pensar, sentir e viver o corpo na contemporaneidade.

2. Pressões estéticas e ideal corporal

Na sociedade contemporânea, as pressões estéticas configuram-se como forças simbólicas e sociais que orientam a construção de um ideal corporal amplamente difundido e, muitas vezes, inalcançável. Esse ideal, sustentado por discursos midiáticos, científicos e mercadológicos, estabelece parâmetros normativos sobre o que é considerado belo, saudável e desejável. Nesse cenário, o corpo passa a ser constantemente avaliado, comparado e ajustado às expectativas sociais. Como afirma Novaes (2013, p. 92), “o corpo, na contemporaneidade, é alvo de um processo contínuo de vigilância e aperfeiçoamento, marcado por exigências estéticas cada vez mais rigorosas”.

As pressões estéticas operam por meio de mecanismos sutis e naturalizados, que levam os indivíduos a internalizarem padrões corporais como se fossem escolhas pessoais, quando, na verdade, são construções sociais.

Esse processo de internalização contribui para a formação de um ideal corporal que orienta comportamentos, práticas e expectativas. Segundo Castro (2015, p. 37), “a busca pelo corpo ideal é atravessada por normas sociais que regulam o que deve ser desejado e rejeitado em termos de aparência”.

A mídia tradicional e, sobretudo, as redes sociais digitais desempenham papel central na intensificação dessas pressões, ao promoverem imagens corporais altamente padronizadas e frequentemente distantes da realidade da maioria da população. A constante exposição a esses modelos contribui para a construção de referências estéticas homogêneas, que desconsideram a diversidade corporal. Nesse sentido, Tiggemann e Zaccardo (2015, p. 62) destacam que “a visualização repetida de corpos idealizados nas mídias sociais está associada ao aumento da insatisfação corporal”.

A insatisfação corporal, por sua vez, emerge como uma das principais consequências da discrepância entre o corpo real e o idealizado. Esse fenômeno pode desencadear uma série de comportamentos prejudiciais à saúde, como dietas restritivas, uso inadequado de suplementos e práticas excessivas de exercício físico. De acordo com Souza e Alvarenga (2016, p. 48), “a insatisfação com o corpo está diretamente relacionada à internalização de padrões estéticos e à comparação social”.

O ideal corporal contemporâneo está profundamente vinculado à lógica neoliberal, que valoriza a autonomia individual e a responsabilização pelo próprio corpo. Nesse contexto, o corpo é concebido como um projeto pessoal que deve ser constantemente aprimorado, sendo o sucesso ou fracasso atribuído exclusivamente ao indivíduo. Conforme aponta Ortega (2008, p. 115), “o corpo torna-se um campo de investimento individual, no qual se espera disciplina, controle e desempenho”, reforçando a ideia de que a aparência física é resultado direto de esforço pessoal, desconsiderando condicionantes sociais mais amplos.

No campo da Educação Física, essas pressões estéticas influenciam significativamente a motivação para a prática de atividades físicas. Embora a busca por um corpo ideal possa estimular o engajamento inicial, ela também pode gerar frustração e abandono quando os resultados não correspondem às expectativas criadas. Nesse sentido, Daolio (2022) destaca que a adesão ao exercício físico, quando baseada exclusivamente em objetivos estéticos, tende

a ser menos sustentável a longo prazo, o que evidencia a necessidade de promover abordagens que valorizem a saúde integral e o bem-estar.

Vale destacar o aspecto da padronização dos corpos em função de marcadores sociais como gênero, classe e raça, demonstrando que os ideais estéticos não são universais, mas variam conforme contextos culturais e históricos, sendo frequentemente excludentes e discriminatórios. No Brasil, por exemplo, observa-se a valorização de determinados traços corporais que refletem padrões eurocêntricos, o que contribui para a marginalização de corpos que não se enquadram nesse modelo. Conforme destacam Gomes e Silva (2019, p. 88), “os padrões estéticos dominantes no país ainda reproduzem hierarquias raciais e sociais, impactando diretamente a autoestima e a identidade dos sujeitos”.

Outrossim, a cultura do desempenho e da visibilidade intensifica a necessidade de exposição do corpo, especialmente nas redes sociais, onde a imagem corporal se torna um elemento central de interação e reconhecimento. A busca por validação social por meio de curtidas, comentários e seguidores reforça a importância da aparência física, contribuindo para a manutenção dos padrões estéticos vigentes. Nesse contexto, o corpo deixa de ser apenas vivido e passa a ser constantemente exibido e avaliado. Segundo Sibilía (2016, p. 54), “o corpo contemporâneo é moldado para ser visto, compartilhado e aprovado socialmente”.

Portanto, torna-se fundamental problematizar as pressões estéticas e o ideal corporal, reconhecendo-os como construções sociais que podem ser questionadas e transformadas. A valorização da diversidade corporal e a promoção de uma relação mais saudável com o corpo são desafios centrais para a Educação Física e para a sociedade como um todo. Nesse sentido, é necessário fomentar práticas educativas que incentivem a reflexão crítica sobre os padrões estéticos e suas implicações. Afinal, o rompimento com os ideais corporais hegemônicos é um passo essencial para a construção de uma cultura mais inclusiva e plural, contribuindo para o desenvolvimento de sujeitos mais conscientes e autônomos em relação ao próprio corpo.

3. Corpo como capital simbólico

A análise do corpo na sociedade contemporânea ganha densidade teórica quando articulada à perspectiva de Pierre Bourdieu, especialmente por meio da noção de capital simbólico. Para o autor, a vida social é estruturada por diferentes formas de capital que operam como recursos de poder e distinção. Entre essas formas, o corpo assume um papel central, pois funciona como suporte material de disposições sociais e como veículo de reconhecimento. Nesse sentido, Bourdieu afirma que “o capital simbólico é o poder de fazer ver e fazer crer” (Bourdieu, 1998, p. 107), indicando que o valor atribuído ao corpo depende do reconhecimento social que ele é capaz de mobilizar.

O corpo, nessa perspectiva, não é apenas um dado natural, mas uma construção social incorporada, resultante de processos históricos e de socialização. Por meio do conceito de habitus, Bourdieu explica como as estruturas sociais são interiorizadas pelos indivíduos e se manifestam em práticas corporais aparentemente espontâneas. Assim, o modo de andar, de se vestir, de se alimentar e de se exercitar expressa disposições socialmente adquiridas. Conforme o autor destaca, “o habitus é história incorporada, feita natureza” (Bourdieu, 1996, p. 83).

A partir dessa lógica, o corpo pode ser compreendido como um tipo específico de capital, frequentemente denominado capital corporal, que, ao ser reconhecido socialmente, converte-se em capital simbólico. Esse processo ocorre quando determinadas características corporais são valorizadas em um dado contexto social, conferindo prestígio e legitimidade aos indivíduos que as possuem. De acordo com Nogueira e Nogueira (2009, p. 52), “os diferentes capitais podem ser convertidos entre si, dependendo das condições sociais e das estratégias dos agentes”.

Na sociedade contemporânea, marcada pela centralidade da imagem e pela intensificação das relações mediadas pela visibilidade, o corpo adquire ainda mais relevância como forma de distinção. A aparência física passa a funcionar como um indicador de disciplina, autocontrole e pertencimento a determinados grupos sociais. Nesse contexto, práticas corporais como a musculação, o treinamento funcional e o controle alimentar tornam-se estratégias de produção de um corpo socialmente valorizado. Segundo Vaz

(2006, p. 74), “o corpo é trabalhado como um projeto que deve expressar competência, controle e adequação aos padrões vigentes”.

Entretanto, é fundamental destacar que a valorização do corpo não ocorre de maneira homogênea, sendo atravessada por desigualdades sociais que condicionam o acesso aos recursos necessários para sua construção. O investimento no corpo, seja por meio de práticas esportivas, cuidados estéticos ou alimentação específica, exige tempo, conhecimento e capital econômico. Assim, o corpo também se torna um marcador de classe, refletindo as condições materiais e culturais dos indivíduos. Conforme destaca Souza (2013, p. 119), “as práticas corporais são socialmente diferenciadas e expressam estilos de vida associados a posições sociais distintas”.

No cenário específico da Educação Física, essa abordagem permite problematizar a reprodução de padrões corporais hegemônicos, muitas vezes naturalizados nas práticas pedagógicas e profissionais. A valorização de determinados corpos em detrimento de outros pode reforçar processos de exclusão e hierarquização, contrariando princípios de inclusão e diversidade. Nesse sentido, Kunz (2004, p. 38) afirma que “é necessário compreender o movimento humano como expressão cultural e não apenas como desempenho técnico”.

Nas redes sociais, o corpo como capital simbólico é constantemente exibido e avaliado, intensificando a busca por reconhecimento e validação. A lógica da visibilidade transforma o corpo em um objeto de performance simbólica, no qual a aparência se torna um critério central de interação social. Nesse ambiente, o valor do corpo está diretamente relacionado à sua capacidade de atrair atenção e gerar engajamento. Conforme aponta Recuero (2009, p. 56), “as redes sociais digitais ampliam a visibilidade dos indivíduos, tornando suas performances corporais mais expostas e avaliadas”.

Portanto, a compreensão do corpo como capital simbólico, à luz da teoria de Pierre Bourdieu, possibilita uma análise crítica das relações entre estética, poder e desigualdade na sociedade contemporânea. O corpo, longe de ser neutro, é um espaço de disputas simbólicas, onde se manifestam interesses, valores e hierarquias sociais. Nesse sentido, torna-se fundamental promover uma abordagem crítica que questione os padrões estéticos dominantes e

valorize a pluralidade dos corpos. Como ressalta Bourdieu (1996, p. 118), “o mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido”, o que evidencia que o corpo, enquanto objeto de percepção, desempenha papel central na construção das identidades e das relações sociais.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender que a cultura do corpo na sociedade contemporânea está profundamente associada à construção social de padrões estéticos, os quais são amplamente difundidos e reforçados pelas redes sociais digitais. Inserido em uma lógica de visibilidade, consumo e performance simbólica, o corpo passa a ocupar papel central nas dinâmicas de reconhecimento social, sendo constantemente avaliado, comparado e ajustado a ideais normativos. Nesse contexto, retoma-se a problemática que orientou este estudo: de que maneira as redes sociais influenciam a construção da imagem corporal e impactam a adesão ao exercício físico?

A partir da análise teórica realizada, foi possível identificar que as redes sociais atuam como importantes mediadoras na formação da imagem corporal, ao promoverem a circulação intensiva de padrões estéticos homogêneos e, muitas vezes, inalcançáveis. Esses padrões tendem a influenciar diretamente a percepção que os indivíduos têm de seus próprios corpos, favorecendo processos de comparação social e, conseqüentemente, níveis elevados de insatisfação corporal. Tal cenário evidencia que a construção da imagem corporal não ocorre de forma isolada, mas está inserida em um conjunto de relações sociais, culturais e simbólicas que moldam os significados atribuídos ao corpo.

No que se refere à adesão ao exercício físico, observou-se que as motivações orientadas predominantemente por objetivos estéticos podem apresentar caráter ambivalente. Por um lado, a busca por um corpo ideal pode estimular o início da prática de atividades físicas; por outro, quando baseada em expectativas irreais, pode gerar frustração, desmotivação e abandono. Desse modo, a influência das redes sociais nesse processo revela-se complexa, podendo tanto favorecer quanto comprometer a relação dos indivíduos com o

exercício físico, dependendo da forma como os conteúdos são interpretados e internalizados.

O objetivo geral deste estudo, analisar a influência das redes sociais na construção da imagem corporal e na adesão ao exercício físico, foi alcançado ao evidenciar que tais plataformas exercem papel significativo na produção e reprodução de padrões estéticos, impactando comportamentos, percepções e práticas corporais. A abordagem metodológica adotada, de caráter qualitativo e baseada em revisão bibliográfica, mostrou-se adequada para a compreensão do fenômeno, permitindo o diálogo com diferentes autores e perspectivas teóricas que fundamentam a discussão. Diante desses achados, reafirma-se a justificativa do estudo, sobretudo no âmbito da Educação Física, área que possui papel estratégico na mediação das práticas corporais e na formação de uma consciência crítica sobre o corpo.

Dessa forma, é possível concluir que a compreensão do corpo como construção social e como capital simbólico permite ampliar o olhar sobre as implicações das redes sociais na contemporaneidade. Nesse sentido, o presente estudo contribui para o avanço das discussões acadêmicas e aponta para a necessidade de novas pesquisas empíricas que investiguem, de forma mais aprofundada, as experiências concretas dos indivíduos frente a essas influências, ampliando as possibilidades de intervenção e transformação social.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Corpo, consumo e mídia**. São Paulo: Annablume, 2015.

DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo: 30 anos depois. **Motricidades**, v. 6, n. 3, p. 229-235, 2022. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2022-v6-n3-p229-235>. Acesso em: 02 mai. 2026.

GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100019/8703>. Acesso em: 02 mai. 2026.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Educação e diversidade: relações étnico-raciais**. Brasília: MEC, 2019.

GRANDO, Beleni Salette. Do corpo e da cultura: indícios da realidade na perspectiva intercultural. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 70-85, 2014. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/do-corpo-da-cultura-indicios-realidade-perspectiva-intercultural/>. Acesso em: 02 mai. 2026.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2004.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Corpo, cultura e esporte: raízes históricas e filosóficas. **Arquivos em Movimento**, v. 17, n. 2, p. 10-20, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/issue/view/1315>. Acesso em: 02 mai. 2026.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso. Habitus e corpo social: reflexões sobre Pierre Bourdieu. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 29-40, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/13430/0>. Acesso em: 02 mai. 2026.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NOVAES, Joana de Vilhena. **Com que corpo eu vou?** Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas médias urbanas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Thais Queiroz; ALMEIDA, Dulce Filgueira; WIGGERS, Ingrid Dittrich; ANDREWS, David L.; SILVA, Letícia R. Teixeira. Existe uma sociologia do corpo no Brasil? **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 40-52, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/issue/view/2648>. Acesso em: 02 mai. 2026.

SOUZA, Ana Carolina; ALVARENGA, Marle dos Santos. **Transtornos alimentares e imagem corporal**. São Paulo: Manole, 2016.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2013.

TIGGEMANN, Marika; ZACCARDO, Mia. "Exercise to be fit, not skinny": the effect of fitspiration imagery on women's body image. **Body Image**, v. 15, p. 61-67, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26176993/>. Acesso em: 02 mai. 2026.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Corpo e modernidade**. Campinas: Autores Associados, 2006.